

## ITESC – INSTITUTO TEOLÓGICO DE SANTA CATARINA

Em funcionamento desde o ano de 1973, o Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC) tem por finalidade a formação teológico-pastoral de futuros presbíteros, bem como a colaboração na formação teológica e pastoral de religiosos(as) e leigos(as), comprometidos com o povo de Deus, para uma Igreja toda ministerial.

Além do **CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**, o ITESC oferece ainda os seguintes cursos:

### Pós-Graduação:

- Diálogo Ecumênico e Inter-religioso
- Direito Matrimonial Canônico e Pastoral Familiar

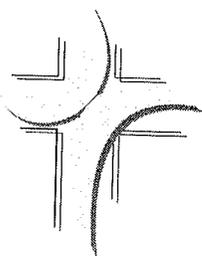
### Extensão:

- Escola de Coordenadores de Pastoral
- Teologia Sistemática para Leigos e Leigas
- Bíblia para Leigos e Leigas



### BIBLIOTECA

O ITESC possui uma biblioteca com cerca de 30.000 volumes, onde você poderá realizar uma rica pesquisa! Venha conhecer!



Rua Dep. Antônio Edu Vieira, 1524  
Bairro Pantanal  
88040-0001 Florianópolis, SC  
Tel./Fax: (48) 3234-0400  
E-mail: [secretaria@itesc.org.br](mailto:secretaria@itesc.org.br)  
Home Page: [www.itesc.org.br](http://www.itesc.org.br)

**VENHA FAZER UMA VISITA PARA CONHECER O ITESC!**  
SEJA UM(A) DE NOSSOS(A) ALUNOS(A)



**Resumo:** A sociedade de consumo que invade o mundo sente dificuldades em situar a vida espiritual porque se apóia excessivamente no mundo da matéria, da ciência e da técnica. Nesse contexto é preciso avaliar os problemas da oração, dentro e fora do cristianismo. Além da crise da oração em si mesma, tem-se dificuldade em aceitar a oração comunitária e litúrgica. Tendo como pano de fundo essa problemática, o autor focaliza a liturgia como fonte de espiritualidade cristã, a partir da centralidade do mistério pascal de Jesus Cristo e sua repercussão na vida de cada cristão. Além das características e das dimensões próprias da espiritualidade litúrgica, apresentam-se também as relações entre a liturgia e outras formas de piedade.

**Abstract:** Society prone to goods for immediate consumption has a hard time to situate the values of spiritual life because its aim concentrates exclusively on objects pertaining the world of material things, science, and techniques. In such a context it is important to evaluate the prerequisites of prayer in the Church and outside. In addition to the crisis in prayer there arise objections against prayer in the community and in the liturgy. Looking at the conditioning factors of these problems the author centers his attention on the liturgy as the source of Christian spirituality, based on the paschal event of Jesus Christ and his consequence on Christian life. Moreover, the characteristic features and the specific aspects of liturgical spirituality are to be seen in its relationship with other forms of piety.

## Espiritualidade Litúrgica

Valter Maurício Goedert<sup>1</sup>

<sup>1</sup> O Autor é Doutor em Teologia e Professor de Liturgia e Sacramentos no ITESC.



## Introdução

A sociedade de consumo que invade o mundo sente dificuldades em situar a vida espiritual porque se apóia excessivamente no mundo da matéria, da ciência e da técnica, relegando a segundo plano o que diz respeito à espiritualidade. Fundamentando-se no racionalismo e no liberalismo, a sociedade pós-moderna vive e prega uma auto-suficiência do ser humano em relação aos valores absolutos. O relativismo moral e o desrespeito à pessoa provocam, além da crítica sistemática à moral personalista cristã, o desinteresse generalizado pelos valores espirituais.

Nesse contexto é preciso avaliar os problemas da oração dentro e fora do cristianismo. A sociedade considera ineficaz e ilusório todo apelo ao sobrenatural, à esfera do divino e, por conseguinte, ao apelo à vida de oração. Além da crise da oração em si mesma, tem-se dificuldade em aceitar a oração comunitária e litúrgica. O mundo, com reservas, aceita uma oração individualista; questiona, no entanto, a oração comunitária, e se interroga sobre o sentido dos ritos tantas vezes desconhecidos do povo.

Na verdade, mais que a oração em si mesma, está em crise um esquema cultural relativo à espiritualidade. A contemplação, tão familiar à espiritualidade antiga e medieval, passa a ser considerada uma exceção, algo que pode ser alcançado somente através de *estágios* cada vez mais difíceis. Tal concepção leva à categorização das diversas formas de oração e aos métodos que devem ser seguidos para se alcançar o vértice<sup>2</sup>. Mais do que uma necessidade na vida das pessoas, a oração se torna um privilégio de poucos. Reza quem é chamado para a *montanha dos sete patamares*, e não quem deseja rezar.

René Voillaume vê por detrás dessas dificuldades uma concepção determinista do homem e do mundo: “A dificuldade não vem dos fatos que em si mesmo constituem a realidade do mundo, nem das situações que as pessoas têm que enfrentar, e sim do fato de que estas realidades e situações já não são percebidas diretamente tais como são, mas sim interpretadas à luz de uma concepção determinada do homem, da sua história, da sua evolução terrestre, concepção proveniente de uma visão filosófica do universo que não é a única a poder explicar o homem e o mundo”<sup>3</sup>.

2 C. VALENZIANO. Problemi antropologici della preghiera liturgica oggi. In *La preghiera della Chiesa*, Bologna, EDB, 1974, pp. 52-53.

3 R. VOILLAUME. In AA.VV. *Como rezar?* São Paulo, Paulinas, 1973, p. 15.



O Novo Testamento se refere à oração como uma realidade fundada no próprio existir do cristão que vive segundo a aliança, isto é, segundo o Espírito de Cristo, na fé, na esperança e na caridade, unindo-se a Deus e aos irmãos. Não se trata apenas de momentos existenciais, mas de uma atitude permanente. A oração da vida, segundo a aliança, tem prioridade sobre os *atos* e os *momentos* de oração.

A oração cristã torna viável a síntese entre fé e vida. Por ser uma realidade dinâmica, ela precisa, sempre de novo, ser procurada. “Deves orar, afirma René Voillaume, porque o Senhor Jesus te amou primeiro e porque o amas em retribuição a esse amor. A amizade pede um diálogo íntimo em que possas exprimir teu amor e conhecer a Deus por experiência e por amor... Deves orar porque o Salvador te chamou a trabalhar com ele na salvação dos homens... Não esqueçamos de que, quanto menos rezamos, pior rezamos, e menos sentimos o desejo de orar”<sup>4</sup>.

A oração cristã também não se restringe ao momento da celebração. “A eficácia do mistério litúrgico de que se participa produz efeitos profundos, realizáveis plenamente somente fora da celebração propriamente dita, exatamente porque esta não pode ter senão uma duração determinada e condicionada pelas exigências comunitárias”<sup>5</sup>.

O Papa João Paulo II define a oração como encontro com Deus: “A oração é a procura de Deus, mas é também revelação de Deus. Um homem que reza professa esta verdade e, em certo sentido, torna presente Deus, que é amor misericordioso no seio do mundo”<sup>6</sup>.

Tendo como *pano de fundo* essa problemática, passamos a focalizar a liturgia como fonte de espiritualidade cristã, a partir da centralidade do Mistério Pascal de Jesus Cristo e sua repercussão na vida de cada cristão. Além das características e das dimensões próprias da espiritualidade litúrgica, veremos as relações entre liturgia e outras formas de piedade.

## Liturgia, fonte da espiritualidade cristã

A ação litúrgica oferece, em grau elevado, os elementos fundamentais da espiritualidade cristã. Toda celebração, enquanto obra de

4 R. VOILLAUME. In *Rezar para viver*. Petrópolis, Vozes, 1973, pp 1-11.

5 E. LODI. In AA.VV. *Como rezar?* São Paulo, Paulinas, 1973, p 49.

6 JOÃO PAULO II. In V. Messori. *Cruzando o limiar da esperança*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1994, p 44.



Jesus Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote é de seu Corpo que é a Igreja, é uma ação sagrada por excelência, e nenhuma outra ação da Igreja, pelo mesmo título e grau, iguala a sua eficácia (SC 7). Certamente a liturgia não é tudo, não esgota toda a ação da Igreja (SC 9), mas é seu ápice e fonte (SC 10). Dela deve brotar toda a vida espiritual, de modo que o Mistério Pascal de Cristo se realize e se expresse na vida do cristão (SC, 2). Por conseguinte as *escolas de espiritualidade* não devem caminhar paralelamente à espiritualidade litúrgica, mas ser expressão desta, ainda que assumindo os carismas que lhes são próprios.

O verdadeiro espírito litúrgico não decorre tanto das mudanças externas que venham a ser efetivadas, mas daquilo que é essencial à espiritualidade litúrgica. Trata-se da “atitude abrangente do homem espiritual com a qual ele constrói, na fé, toda a sua vida humana e espiritual, segundo os mistérios de Cristo, na participação ativa na liturgia da Igreja. Deste modo, ele participa da ação salvífica de Cristo e é modelado em virtude da graça divina, de acordo com sua imagem primordial, para daí tirar os critérios que devem informar toda a sua existência”<sup>7</sup>.

Evidentemente, a espiritualidade transmitida pela liturgia deve se prolongar na vida. É preciso que o cristão se insira na obra redentora de Cristo para além do momento da celebração. Celebra-se o verdadeiro culto não apenas reservadamente, no íntimo do próprio ser, mas na vivência do cotidiano em sua dimensão secular. A dinâmica da espiritualidade engloba, portanto, três estágios sucessivos: a celebração enquanto tal, a extensão desta no espaço e no tempo através de cada celebração em particular, e a vivência no cotidiano.

No seu conjunto, a espiritualidade litúrgica é uma realidade *sacramental*, isto é, implica a disponibilidade de celebrar os grandes sacramentos da Igreja de modo vivo, com participação consciente, ativa e plena de fé, e em conformidade com as normas de tais sacramentos, para inserir toda a vida nas dimensões incomensuráveis da obra salvífica de Cristo<sup>8</sup>.

## 1. Processo histórico

A tradição da Igreja mostra que toda a vida cristã deve ser fundamentalmente litúrgica. Desde as catequeses mistagógicas dos santos

7 B. NEUNHEUSER. *Espiritualidade Litúrgica*, in Dicionário de liturgia. São Paulo, Paulinas, 1992, p. 381.

8 B. NEUNHEUSER. *Ibidem*, p. 386.



Pais que introduzem os neófitos no aprofundamento da fé, até a ação pastoral da Igreja na Idade Média, há uma só preocupação: despertar e aprofundar a fé. Não falta ao impulso renovador do Concílio de Trento, nem ao renascimento restaurador do século XIX, a mesma preocupação. No entanto, a espiritualidade litúrgica somente se torna tema preponderante a partir do Movimento Litúrgico. Após um período de incerteza e de certa crise do Movimento, chega-se, finalmente, à encíclica de Pio XII *Mediator Dei* (20/11/1947), que traz a palavra oficial do magistério, aprovando as *teses fundamentais* do Movimento Litúrgico. O Concílio Vaticano II confirma e aprofunda o processo de renovação litúrgica.

## 2. Dimensão existencial do culto cristão

O fundamento da espiritualidade litúrgica se encontra na própria participação ativa nos mistérios, e na oração solene e comunitária da Igreja. Trata-se de uma piedade objetiva, de uma espiritualidade que se orienta conscientemente, segundo os objetivos das celebrações dos sacramentos e da oração da Igreja. Piedade objetiva não significa algo impessoal, frio e distante. Ao contrário, implica compromisso pessoal e o relacionamento particular e profundo com Cristo, mediante a ação litúrgica. Jesus Cristo é a referência última da vida espiritual. A espiritualidade litúrgica inaugura uma forma especial e particular de relação com Cristo Redentor, que existiu historicamente e que se faz presente hoje de modo supra-histórico.

Na liturgia se realiza o Mistério de Cristo *Mystérium–Sacramentum*. De acordo com o pensamento de Odo Casel, também ele protagonista do movimento litúrgico, este *Mystérium–Sacramentum* significa o Mistério anterior ao tempo, da eterna vontade salvífica de Deus, realizado provisoriamente no mistério da história de Israel e, verdadeiramente, no Mistério Pascal de Cristo, agora reapresentado, atualizado no mistério da Igreja e nos mistérios do seu culto, na esperança de sua plena realização escatológica. Este Mistério na sua totalidade é a norma objetiva da edificação individual e comunitária, da vida espiritual, de tal modo que, vivendo o Mistério Pascal, o cristão possa experimentá-lo<sup>9</sup>.

A espiritualidade litúrgica consiste, portanto, na identificação com o Mistério de Cristo na liturgia da Igreja. Embora não esgote toda a ação

9 B. NEUNHEUSER. *Ibidem*, p. 373.



da Igreja (SC 9), a liturgia constitui, no entanto, sua fonte e seu ápice (SC 10), exatamente porque nela acontece uma presença particular de Cristo (SC 7). Todas as outras formas de expressão da espiritualidade cristã, inclusive os “exercícios de piedade” devem estar relacionados com a liturgia, dela de algum modo derivam e a ela se encaminham (SC 13).

É preciso, pois, que os fiéis celebrem a liturgia não como algo extrínseco, desligado de sua vivência, como um cerimonial apático e incolor, como mera prescrição ritual, mas nela tomem parte ativa e frutuosamente. Com disposições de reta intenção sintonizem sua alma com as palavras e cooperem com a graça do alto, a fim de não a receberem em vão (SC 11). A vivência do sacerdócio comum dos fiéis faz do novo povo de Deus *um reino de sacerdotes* (Ap 1,6).

O sacrifício espiritual celebrado em espírito e verdade (Jo 4,23), na santidade de vida, não acontece paralelamente ao sacrifício eucarístico e menos ainda em oposição ao mesmo. Esta é a maneira própria pela qual Cristo atua, elevando à sua perfeição pessoal de Cabeça o sacrifício do seu Corpo que é a Igreja. O sacrifício espiritual dos cristãos não constitui algo genérico, mas a expressão do próprio culto de Cristo; através dele, o ser humano se deixa tomar inteiramente por Cristo (Rm 12,1). O culto cristão está, pois, indissolivelmente ligado à pessoa e à obra de Cristo.

### 3. Centralidade da liturgia

A espiritualidade se alimenta na participação consciente e frutuosa da ação sagrada, uma vez que a liturgia constitui a primeira e necessária fonte da qual os fiéis haurem o espírito verdadeiramente cristão (SC 14). A ordenação e a subordinação à liturgia significam que todo culto é visto como preparação para ela ou como sua conseqüência. Trata-se de um predomínio qualitativo e não quantitativo, uma vez que a liturgia não esgota toda a ação da Igreja (SC 9).

A espiritualidade litúrgica, no entanto, não só não tem um fim diverso daquela finalidade que é comum a toda espiritualidade (isto é, tender à perfeição cristã, estar na graça divina e produzir frutos de caridade), mas também contém necessariamente, ainda que de modo geral, todos os elementos que são comuns à espiritualidade católica<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> C. VAGAGGINI. *El sentido teológico de la liturgia y los sacramentos*, Madrid, BAC, 1965, pp 621-622.



Ninguém, portanto se sinta estranho ao celebrar o Mistério de Cristo. Ninguém se acomode ou sucumba à tentação de ser apenas espectador. A Igreja, consciente desse desafio, cuida para que, bem compenetrados pelas cerimônias e pelas orações, os fiéis participem consciente, piedosa e ativamente da ação sagrada. Sejam os fiéis instruídos pela Palavra de Deus, saciados pela mesa do corpo do Senhor e dêem graças a Deus. Aprendam a se oferecerem a si próprios, como hóstia imaculada, não só pelas mãos dos sacerdotes, mas juntamente com eles (SC 48).

A celebração viva e genuína da ação litúrgica conduz à plena realização da vida espiritual. Aí reside o ápice, a fonte, o contato mais profundo com o Senhor Jesus. Quanto mais íntimo for este encontro, mais a presença de Jesus será percebida nos demais atos de piedade e nas diversas atividades da vida diária. Na medida em que o cristão se saciar desta fonte (Jo 7,37-38), ele mesmo irá se identificando com Cristo, porque estará bebendo de seu Espírito (Jo 7,39).

Celebrando o Mistério de Cristo, a liturgia torna presente a ação de Deus em todos os povos, lugares e tempos (Ef 1,3-14). O fundamento objetivo de toda vida espiritual está na celebração, no memorial real, na atualização, na representação do Mistério Pascal, isto é, de Jesus Cristo em sua morte e ressurreição, em vista da edificação da Igreja, para a santificação dos fiéis e de todo o povo de Deus.

A espiritualidade litúrgica se alimenta da celebração, mas não termina com ela. Não se pode falar em espiritualidade se não se faz a *água viva* chegar aos diversos momentos da vida diária, às diferentes atividades, aos mais variados ambientes e lugares e situações e a todas as pessoas. Não se trata de uma atitude intimista, de um espiritualismo indefinido. A espiritualidade que não impulsiona para a vida, para a ação, para o compromisso libertador e integral do ser humano, da sociedade e do mundo secular, não é coerente e se esvazia em si mesma.

A Igreja não tem, pois, outra realidade a celebrar senão a presença permanente transformadora, ressuscitada e plenificadora de Cristo. Na medida em que o cristão consegue celebrar sua vida e a vida da humanidade no Cristo Ressuscitado, que renova todas as coisas (Ap 21,5), o próprio Cristo será fonte eterna de vida e de libertação. Nesse sentido, não é a solidariedade para com o próximo, nem a transformação sócio-política, a fonte primeira da espiritualidade cristã, mas o poder transformador do Senhor da história.



#### 4. Liturgia e experiência espiritual

Na celebração litúrgica é de suma importância a escuta e a acolhida da palavra de Deus, em íntima relação com as verdades da fé, professadas e celebradas (SC, 59). É também lugar do testemunho da fé. Nesse sentido a vida sacramental constitui verdadeira profissão de fé. “A autêntica espiritualidade cristã deve conduzir à conversão, ao êxodo de si, ao cumprimento da vontade de Deus e não pode, pois, senão ser assimilada pela experiência do mistério pascal, por experiências de escuridão e de silêncio, por momentos de abandono e de aparente afastamento de Deus, por gemidos de morte.”<sup>11</sup>

A catequese litúrgica tem como objetivo primordial educar os fiéis para essa fundamental participação no mistério de Cristo. Trata-se da dimensão mistagógica da liturgia que, ao mesmo tempo, valoriza os sinais e interpreta os ritos à luz da tipologia bíblica, abrindo-se ao compromisso cristão e eclesial em vista da vida nova e da união mística com Cristo. “Para que a celebração litúrgica possa ser espaço de verdadeira experiência espiritual, requer-se que ela se desenvolva em nível tal de fé e conseqüente atenção interior que permita descobrir, ao mesmo tempo, tanto a presença operante de Cristo, quanto o próprio abrir-se a essa divina presença e ação.”<sup>12</sup>

#### 5. Elementos fundamentais

Concretamente, a espiritualidade litúrgica assume características diferentes, de acordo com a peculiaridade de cada celebração (Celebração Eucarística, Liturgia das Horas, Celebrações da Palavra etc.) e conforme a particularidade do ano litúrgico. No entanto, dois são os elementos fundamentais: a palavra de Deus e a sacramentalidade do sinal.

A Constituição Dogmática *Dei Verbum* assim descreve a relação entre a Sagrada Escritura e a Igreja: “A Igreja sempre venerou as Sagradas Escrituras como o próprio Corpo de Cristo, principalmente na sagrada liturgia... Sempre as teve e tem, juntamente com a Tradição, como suprema regra de sua fé... É necessário que a própria religião cristã seja alimentada e regida pela Sagrada Escritura... Ela constitui sustentáculo



e vigor para a Igreja, alimento da alma, pura e perene fonte de vida espiritual” (DV 21). A palavra de Deus chega ao mais alto significado na celebração litúrgica, principalmente na celebração da Eucaristia, suporte de toda a economia sacramental e elemento essencial dessa mesma estrutura. Não há sacramento sem a força da palavra.

Cada celebração litúrgica realiza este *sacramentum* de acordo com a sua especificidade. A Liturgia das Horas, por exemplo, é uma experiência diária do mistério pascal de Cristo a partir do ritmo do dia. É o louvor da Igreja em vista da santificação especial do tempo<sup>13</sup>. No mistério Eucarístico, a presença do Senhor ressuscitado e de sua obra redentora chega ao grau máximo (SC, 7). A celebração da Missa, como ação de Cristo e do povo de Deus hierarquicamente ordenado, é o centro de toda a vida cristã, tanto para a Igreja universal, como local e também para cada um dos fiéis, pois nela se encontra tanto o ápice da ação pela qual Deus santifica o mundo em Cristo, como o do culto que os homens oferecem ao Pai (Introdução Geral ao Missal Romano, n. 1).

A relação entre Eucaristia e amor fraterno, uma das dimensões essenciais da espiritualidade eucarística é, de modo contundente, lembrada por São João Crisóstomo. “Nenhum pobre esteja triste por causa de sua pobreza, porque esta festa é espiritual; nenhum rico se ensoberbeça por causa de sua riqueza, pois em nada pode contribuir com o seu dinheiro para a alegria desta solenidade. Nas festas profanas, onde tudo é abundância de vinho, mesas lutas, guloseimas, risos hilariantes e existe toda sorte de luxo satânico, com razão se vê o pobre de cabeça baixa e o rico envaidecido. Como isso acontece? Porque o rico prepara para si uma mesa esplêndida e goza mais dos deleites, e o pobre, por causa da pobreza, se vê impedido de ostentar semelhante generosidade. Mas aqui nada disso acontece: uma só é a mesa do rico e do pobre; ainda que seja rico nada pode acrescentar a esta mesa; ainda que seja pobre, não participará menos que os demais porque este é um dom divino... Tais são os dons do Senhor: não se repartem nem se comunicam de acordo com as dignidades e as honras, mas segundo o fervor do espírito”<sup>14</sup>.

Em seguida identifica o pobre com o Corpo de Cristo: “Tu que honras o altar sobre o qual repousa o Corpo de Cristo, ultrajas e despre-

11 AUGÉ, M. *Espiritualidade litúrgica*, Ave Maria, São Paulo, 2002, p. 76.

12 AUGÉ, M. *Ibidem*, p. 85.

13 A. BECKHÄUSER. *Rezar em comunidade*, Petrópolis, Vozes, 1985, p. 34.

14 D. BOROBIO. *Dimensión social de la liturgia y los sacramentos*, Bilbao, Desclée de Brouwer, 1970, pp 104-105.



zas, depois, em sua indigência, aquele que é igualmente Corpo de Cristo. Este altar pode encontrar em todas as partes, em todas as ruas, em todas as praças e pode em todo momento oferecer sobre ele um verdadeiro sacrifício. Aquilo que o sacerdote, de pé diante do altar, invoca pela ação do Espírito Santo, tu também inclinado ante o altar, realizas não com palavras, mas com atitudes, porque não há nada que atraia e alimente o fogo do Espírito como a abundante efusão do óleo da caridade.”<sup>15</sup>

A essa presença atuante do Mistério de Cristo chamamos *memorial*. Sem haver qualquer repetição, encontramos-nos diante do Sacrifício único que foi realmente confiado à Igreja, de modo a se tornar, aqui e agora, também o sacrifício dela. De modo semelhante, o memorial atua em cada um dos sacramentos e nas diversas celebrações litúrgicas.

O dinamismo da presença de Cristo produz uma progressiva transformação em cada um dos participantes da assembléia litúrgica. Trata-se da mediação litúrgica na espiritualidade, conforme escreve Jesús Castellano: “Um modo concreto de entrar na dimensão espiritual da celebração é tomar consciência da presença de Cristo e de sua intensificação, para que esse celebrar *na presença* de Cristo e *em comunhão* com Cristo suscite uma resposta adequada, uma teologia da Celebração Eucarística, que requer uma espiritualidade correspondente. Entre a teologia e a espiritualidade, a própria liturgia estabelece a mediação necessária.”<sup>16</sup>

João Paulo II situa a Eucaristia no centro de todo o humanismo: “Ao celebrarmos e conjuntamente ao participarmos na Eucaristia, nós nos unimos a Cristo terrestre e celeste, que intercede por nós junto ao Pai, mas unimo-nos sempre através do ato redentor do seu sacrifício, por meio do qual ele nos remiu, conscientes de que fomos comprados por um preço elevado. A Eucaristia é o sacramento no qual se exprime mais cabalmente o nosso novo ser, e no qual o mesmo Cristo, incessantemente e sempre de maneira nova, dá testemunho no Espírito Santo ao nosso espírito, de que cada um de nós, enquanto participante do Mistério da Redenção, tem acesso aos frutos da filial reconciliação com Deus” (*Redemptor Hominis*, 20).

15 D. BOROBIO. *Ibidem*, p. 106.

16 J. CASTELLANO. *Espiritualidad de la celebración eucarística*, In RPL212,(1969), p. 111.



A celebração das festas, por sua vez, transmite a dinâmica salvífica que se encontra no evento Cristo, entre o *já realizado* e o *ainda não plenamente cumprido*. Em Cristo, tudo se cumpriu; mas, por outro lado, tudo ainda deve cumprir-se, isto é, a ação salvífica de Deus em Cristo deve cumprir-se de modo histórico-sacramental em nós, no tempo da Igreja<sup>17</sup>. Todas as etapas do Plano da Salvação foram realizadas de maneira definitiva e em plenitude em Cristo. Ele é o Mistério de Deus (Cl 2,2). Este Mistério deve ser anunciado, proclamado e celebrado pela Igreja, verdadeiro povo de Deus, na sua passagem pelo mundo.

## 6. Características da espiritualidade litúrgica

A característica maior, a que surge em primeiro lugar, é a dimensão comunitária e eclesial da celebração litúrgica. A liturgia propõe vivência equilibrada de todas as verdades da fé. Destaca, ainda, a mediação única de Jesus Cristo, Deus e homem, nossa Cabeça e sumo Sacerdote que viveu entre nós, sofreu e morreu, realizando sobre a cruz o único e eterno sacrifício, uma vez por todas. Ressuscitando glorioso, colocou-se à direita do Pai, esperando que seus inimigos lhe venham servir de escabelo para os pés (Hb 10,13). *Jesus é o Senhor para a glória de Deus Pai* (Fl 2,11).

A espiritualidade litúrgica é sóbria em sua manifestação de piedade, demonstrando equilíbrio entre as diversas faculdades psicológicas (entendimento, vontade, afeto). Na liturgia, a espiritualidade é essencialmente sacrificial e sacramental. Compreende-se, pois, porque ela seja eminentemente eucarística.

## 7. Dimensões da espiritualidade litúrgica

### 7.1. Dimensão Cristológica

Em Cristo acontece a atuação concreta do desígnio salvífico do Pai prefigurado na antiga Aliança e, na plenitude dos tempos, realizado em Cristo por sua encarnação e seu mistério pascal. A páscoa de Cristo está no centro da história da salvação e, por conseguinte, da celebração e da espiritualidade litúrgicas. O cristão, inserido pelo batismo nesse mistério

17 M. AUGÉ. *Teologia do ano litúrgico*, Anámnese 5, São Paulo, 1991, p. 24.



pascal, é chamado a seguir a Jesus e a conformar sua vida a dele (Rm 6,4). A liturgia que não assume a existência humana para transformá-la cai no ritualismo e no formalismo desencarnado e sem vida.

O itinerário celebrativo do ano litúrgico é iluminado pela palavra de Deus, Por isso é um percurso existencial que envolve a vida inteira. Para a Igreja, em primeiro lugar está a palavra de Deus; ao redor desta, a comunidade se forma. A Igreja existe porque Deus falou. A assembléia cristã se reúne porque Deus lhe fala. Através da palavra Deus transcendente revela seu rosto. Desde sempre Deus está diante do homem para o homem; mas é sua palavra, constituída de acontecimentos e de palavras intimamente interligadas, o sinal que abre a possibilidade de comunhão. É precisamente o Verbo, que demonstra o agir de Deus, quem constitui a Igreja. Falando, Deus se revela. O *falar* de Deus forma a Igreja. Deus escreve uma história e não apenas um livro.

A oração litúrgica nasce da palavra de Deus, nela se desenvolve e produz frutos. É sempre a palavra de Deus que reúne a assembléia litúrgica, assim como cada proclamação na ação litúrgica está a serviço da edificação da Igreja. A partir desse anúncio e de seu acolhimento na fé, a comunidade se alimenta e se fortalece.

A relação dialógica da Igreja com seu Senhor – estrutura originária da oração litúrgica – se alimenta exatamente daquilo que a faz existir: a palavra. A Constituição *Sacrosanctum Concilium* se expressa de modo muito incisivo: “Na celebração litúrgica é máxima a importância da Sagrada Escritura”. Dela são lidas as lições explicadas na homilia e cantadas nos salmos. É de sua inspiração e bafejo que surgiram as preces, orações e hinos litúrgicos. (SC, 24). A palavra é viva quando o interlocutor está presente e ela soa de sua boca. Portanto, somente a presença de Cristo impede que a Palavra se transforme em mero documento histórico. A Igreja tem o privilégio dessa presença, porque ela se identifica com Cristo, é sua continuação. Onde, pois, está a Igreja, aí está a Palavra viva.

## 7.2. Dimensão pneumatológica

A liturgia é ainda o lugar por excelência da vida mística, uma vez que o fiel se encontra situado no mundo dos sinais (palavras, gestos, imagens, sons, pessoas) que, através da fé, tornam-se transparência do mundo novo transfigurado pela ressurreição de Cristo na força do Es-



pírito. É quem faz de nós um sacrifício vivo a agradável a Deus, uma verdadeira oferta cultural.

A espiritualidade litúrgica favorece também a ascese, através da leitura orante e da meditação da palavra de Deus como também do apelo à conversão e à vivência das virtudes cristãs. Toda a espiritualidade deve, igualmente, tender à mística. Por ser essencialmente comunitária, a espiritualidade litúrgica implica o uso freqüente de sinais sensíveis, de orações vocais, através do exercício constante dos sentidos externos e da fantasia. Tudo isso é perfeitamente conciliável com o ato místico ou, ao menos, adequado para criar uma atmosfera favorável à mística.

## 7.3. Dimensão eclesial

A oração litúrgica abrange a própria realidade cultural. Não consiste numa ação meramente individual; supõe, por sua própria definição, um sujeito comunitário, eclesial. Se a liturgia é ação de Cristo e do povo de Deus, é preciso que cada cristão se sinta Igreja, membro deste povo. A oração litúrgica interessa a todo o corpo da Igreja, o visualiza e o engloba. Na liturgia, o que importa não é o *eu*, mas o *nós*. *Nós te bendizemos, nós te louvamos, nós te adoramos...* Este *nós* não significa apenas a união dos indivíduos, não constitui mera soma; é um todo, a Igreja.

*“Na oração pessoal, o orante pode seguir o impulso do coração; se toma parte na liturgia, deve abrir-se a um outro impulso proveniente de uma origem mais forte e profunda, vinda do coração da Igreja, que bate através dos séculos. Não importa o que pessoalmente lhe agrada, ou o que naquele momento lhe parece desejável, nem as preocupações particulares que o afligem. Tudo isso deve deixar para trás, a fim de entrar no grande movimento da ação litúrgica. Saindo de si mesmo, o orante percebe que se cumpre o primeiro efeito do fato litúrgico, que sempre podemos experimentar de novo: esse nos leva acima da existência cotidiana e nos liberta”*<sup>18</sup>.

A oração litúrgica não constitui alienação da própria unidade, da história e da originalidade pessoal, mas consiste em situá-las dialógicamente num outro horizonte, capaz de se revelar mais apropriado e mais amplo, que aponta em direção à alteridade e à comunhão eclesial.

18 R. GUARDINI. *Introduzione alla preghiera*, Brescia. 1973, p.220.



#### 7.4. Dimensão simbólico-ritual

A dimensão simbólico-ritual indica o modo pelo qual se realizam as duas anteriores, a maneira como a oração litúrgica acontece, os atos litúrgicos, as ações simbólicas e a seqüência ritual. Compete ao homem colocar-se em atitude de acolhida, assumindo as exigências dessa ação. Através da participação na liturgia, o cristão é chamado a entrar no mistério de Cristo e a colaborar com a ação divina. Antes, porém, é Deus quem toma a iniciativa do diálogo salvífico. A graça divina está na gênese da obra da redenção, em seu percurso histórico e no seu complemento.

A celebração envolve a pessoa toda inteira em sua espiritualidade e em sua corporeidade. Por isso a liturgia se serve de ritos, de símbolos, da gestualidade, embora não se reduza a um conjunto de ritos. O rito traduz aquela exigência natural do ser humano de servir-se de sinais, palavras e gestos para exprimir os próprios sentimentos em sua relação com a divindade.

Cristo é o *sinal* dado por Deus (Jo 6,28): em dependência desse *sinal sacramental*, Cristo, é preciso entender os sinais rituais do Novo Testamento e da Igreja. A liturgia reúne um regime de sinais que, inserindo no mistério de Cristo cada ser humano, torna-o adorador em espírito e verdade. A celebração litúrgica deve, portanto, atingir o crente não só em sua profundidade existencial, mas também em sua dimensão corpórea. Os fiéis devem, pois, ser introduzidos na compreensão da linguagem simbólica, a fim de que possam entrar em sintonia como o mistério celebrado e dele e nele encontrar o sentido último da vida cristã.

A participação ativa, consciente e frutuosa constitui um desafio para o homem contemporâneo, dado que exige não só a compreensão pessoal, mas também implica a renovação da linguagem simbólica. "O simbolismo é como que o oxigênio para a fisiologia da respiração. Falta respiro à religião, se vier a faltar o momento simbólico."<sup>19</sup> Esta dificuldade provém, ou da inadequação dos ritos, quase sempre ligados a contextos culturais, ou da falta de conhecimento da linguagem litúrgica, ou de ambas. Há necessidade de permanente catequese litúrgica e de inculturação dos ritos.

19 A.N. TERRIN. *Leiturgia. Dimensione fenomenológica e aspetti semiotici*, Brescia, 1988, p. 66.



#### 7.5 Dimensão lúdica

A oração litúrgica é ainda marcada pela gratuidade como resposta à iniciativa de revelação do próprio Deus. Nesse sentido, ela não se mede pelos conceitos de utilidade e de instrumentalidade. O aspecto lúdico do rito se evidencia no próprio desenvolvimento da celebração, enquanto ela é gratuita, porque sua utilidade não se restringe ao momento presente. Não se resolve, por conseguinte, a falta de participação na liturgia, obrigando as pessoas a celebrar. Nem se justifica a ausência nas celebrações, argumentando que não são úteis, que não trazem proveito. É preciso educar-se para a gratuidade. A utilidade é um bem relativo; Deus, com quem entramos em comunhão, é o Bem absoluto.

### 9 Liturgia e virtudes teologais

A vida litúrgica fundamenta-se em permanente exercício da virtude teologal da fé, que se alicerça sobre a palavra de Deus. O primado da palavra ouvida, proclamada e cantada, na liturgia, não é evento individualista, mas comunitário, por ser experiência da fé da Igreja reunida. A liturgia constitui, portanto, uma contínua profissão de fé, no sentido de que a fé é exigida e alimentada pelas celebrações, delas recebendo uma característica mais histórico-intuitiva do que filosófico-especulativa.

Na liturgia está igualmente presente a dimensão de esperança, não só porque o tempo do Advento, que inaugura o Ano Litúrgico, está sob o signo da esperança escatológica, mas também porque a Eucaristia, como *Mistério da fé*, proclama a ressurreição de Cristo na expectativa do seu retorno.

A liturgia constitui também exercício da caridade teologal, primeiramente como santificação dos homens que, no culto, recebem o dom de revelar a glória de Deus e de celebrar sua presença na humanidade e no mundo; a participação na celebração litúrgica torna-se expressão de caridade, pelo fato de realizar nova consagração do ser humano, dado que não existe verdadeiro culto a Deus que não seja também culto da vida. A caridade para com os pobres não é, apenas, fruto e expressão do amor fraterno que a Eucaristia por sua natureza produz e significa, mas impulsiona a própria ação de graças. Há uma evidente reciprocidade entre liturgia e caridade social, promoção humana, diálogo com o mundo, deificação do homem, humanismo integral e missão.



## 10. Espiritualidade litúrgica e exercícios de piedade

Freqüentemente, nossos fiéis preferem os exercícios de piedade às celebrações litúrgicas. Não podemos nos esquecer que os vários séculos de *devocionalismo* deixaram marcas profundas. Franco Brovelli acredita que essa situação pode ser revertida: “A piedade do povo cristão e, conseqüentemente, suas ações e sua vida, não se apóiam suficientemente sobre as verdades fundamentais que constituem o centro da liturgia, a saber: a orientação de todas as coisas para a glória do Pai, do Filho e do Espírito Santo; a mediação necessária e universal do Cristo; o lugar central do Santo Sacrifício Eucarístico na vida cristã; a missão da hierarquia na união com Deus; a realização visível da comunhão dos santos. Todas estas verdades da fé, atualizadas pelo ato litúrgico, como que dormem no mais íntimo dos corações. O povo cristão, no entanto, tomou consciência dessas verdades. Transformemos a assistência habitual e rotineira aos atos de culto em participação ativa e inteligente. Ensinemos os fiéis a rezar e a proclamar juntos esta verdade e a liturgia, assim celebrada, despertará de modo imperceptível a fé adormecida, colocando em evidência, na oração e na ação, as energias escondidas nos corações dos batizados.”<sup>20</sup>

A espiritualidade litúrgica apóia-se na ação litúrgica, isto é, no culto do Corpo Místico de Cristo; não é simplesmente aquela celebrada a partir de exigências canônicas, ou presididas por ministros ordenados. Todos esses elementos têm valor e sentido, uma vez que dizem respeito à organização da liturgia. Não fazem, porém, parte da essência do culto litúrgico. Os elementos essenciais da ação litúrgica residem no fato de ela ser o culto que Cristo ofereceu, uma vez por todas, ao Pai, e a ação cultual da Igreja, Seu Corpo. Esse culto público não o é pelo simples fato de ser celebrado de forma pública e oficial, mas porque constitui uma ação na qual o povo de Deus atua como comunidade eclesial.

Como a oração litúrgica não é, pois, simplesmente uma dentre tantas outras recomendadas pela Igreja, mas a oração por excelência, com um título que não compete a nenhuma outra, do mesmo modo a espiritualidade que se fundamenta sobre a oração litúrgica é, com título que não compete às demais, a espiritualidade da Igreja. A celebração litúrgica também não se situa como única possibilidade de encontro com Deus, mas é, sem dúvida, fonte e cume da vida espiritual cristã.

20 F. BROVELLI. *Movimento litúrgico e spiritualità cristiana*, in RL 4(1986), p 473.



Não existe oposição entre liturgia e exercícios de piedade. Cada qual tem seu caminho e sua metodologia espiritual, e ambos contribuem, cada um a seu modo, para o aprimoramento da vida espiritual. É preciso ter em conta o que diz o Concílio Vaticano II: “Assim, pois, considerando os tempos litúrgicos, estes exercícios piedosos devem ser organizados de tal maneira que condigam com a sagrada liturgia e dela de alguma forma derivem, uma vez que, por sua natureza, a liturgia em muito os supera” (SC 13).

## Conclusão

A oração cristã, diferente de todas as orações de outras religiões, nas quais os deuses são mudos, consiste no diálogo dos filhos com o Pai. Ora, não pode haver diálogo ou colóquio a não ser onde duas pessoas entram em contato e se aceitam reciprocamente<sup>21</sup>. O conhecimento de Deus pela oração não consiste, no entanto, num discurso intelectual, embora tal conhecimento faça parte do processo da oração. René Voillaume insiste: “Não é suficiente conhecer a Deus pela inteligência. Desejamos e queremos que Aquele a quem amamos esteja presente em nós”<sup>22</sup>.

Mais do que falar de Deus, é preciso deixar que Deus fale. Não temos necessidade de nos apresentar a Deus; é ele que precisa ser por nós conhecido e amado. O diálogo com Deus não pode, portanto, restringir-se a determinados momentos da vida. Toda a vida deve transformar-se em oração. Mesmo na arte de orar, René Voillaume adverte: “Há momentos de oração pura, de retiro, de silêncio e de cessação absoluta de toda atividade terrestre; há também a permanência no estado de oração, no decurso de todas as nossas atividades humanas de trabalho ou de realizações.”<sup>23</sup>

A oração não pode, igualmente, alimentar-se apenas de sentimento. A oração feita na dor, no deserto da vida, até mesmo na aridez, tem um valor inestimável, porque se une à oração de Cristo em seu sofrimento e, por ele com ele e nele se transforma em oferta agradável ao Pai. “De fato, a oração não consiste, em primeiro lugar, num sentimento nem num pensamento; é, sim, um reconhecimento da posse de Deus sobre nós mesmos, sobre as profundezas do nosso ser”<sup>24</sup>.

21 M. ALBERTA. *Por uma spiritualità dell'anno litúrgico*, in RL 4(1986), p. 473.

22 R. VOILLAUME. *A contemplação hoje*, São Paulo, Paulinas, 1972, p 17.

23 R. VOILLAUME. *Rezar para viver*, Petrópolis, Vozes, 1973, p 73.

24 R. VOILLAUME. *Ibidem*, p 78.



A oração, no entanto, assume um caráter único e especial quando a celebramos em comunidade, em nome da Igreja unida a Cristo. Por isso, “toda celebração litúrgica, como obra de Cristo sacerdote, e de seu Corpo que é a Igreja, é uma ação sagrada por excelência, cuja eficácia, no mesmo título e grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja” (SC 7).

A liturgia é a primeira e necessária fonte da qual os fiéis haurem o espírito verdadeiramente cristão (SC 14). Daí a necessidade de promover a ativa participação interna e externa dos fiéis, segundo a idade, condição, gênero de vida e grau de cultura religiosa (SC 19).

A espiritualidade litúrgica bebe desta fonte. Antecipa, aqui na terra, a celebração escatológica da Jerusalém celeste, onde o Cordeiro Imolado, que reina vivo, se torna fonte inesgotável que aplaca toda sede (Ap 21,6). Quando, enfim, tiverem sido retirados os véus sacramentais, quando as nações todas caminharem à sua luz (Ap 21,24), quando ninguém mais precisar da luz da lâmpada dos símbolos sagrados, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre nós (Ap 22,5), não haverá mais morte, nem luto, porque aquele que está sentado no trono declarou: “*Eis que eu faço novas todas as coisas*” (Ap 21,4-5). Cantaremos, então, o cântico novo da liturgia que não conhece ocaso:

*“Digno é o Cordeiro imolado  
de receber o poder, a riqueza e a sabedoria,  
a força, a honra, a glória e o louvor.  
Aquele que está sentado no trono e ao Cordeiro  
pertencem o louvor, a honra, a glória e o domínio  
pelos séculos dos séculos”.*

(Ap 5,12-13)

*Endereço do Autor:*

Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC  
Caixa Postal 5041  
88040-970 – Florianópolis – SC

## ENCONTROS Teológicos

**Resumo:** A “Espiritualidade” foi o tema do II Fórum Mundial de Teologia e Libertação, em Nairobi, de 16 a 19 de janeiro de 2007. Além das informações sobre o evento como tal e sua programação, o artigo comenta os conteúdos abordados, sempre à luz das grandes questões sócio-econômicas, culturais e ambientais, tais como aparecem no Fórum Social. E informa que, infelizmente, com a preocupação da reflexão engajada e militante, as comunicações e os seminários estiveram pouco focados no tema específico. Como perspectivas de futuro para o Fórum, o autor recorda e comenta as quatro recomendações que foram feitas. Descreve também dois momentos transcendentais do Fórum: a visita às favelas de Kibera e Gorogochi, recordando aos participantes que os pobres são o *locus theologicus* por excelência, e a presença e alocução final do arcebispo sul-africano negro, Desmond Tutu. Entre outras coisas, lembrou que também as práticas libertadoras são perpassadas pela condição humana e estão marcadas pela incoerência. Daí a necessidade da humildade, para acolhermos a graça que liberta a nós mesmos.

**Abstract:** The II. Forum of world wide dimension of the Theology of Liberation, held in Nairobi, brought into focus the theme of “Spirituality” and discussed it at length from January 16 to 19, 2007. In addition to some valid informations on the event and its program, the article offers pertinent comments on the main socio-economic, cultural, and environmental issues which shed some light on the Social Forum. It also provides us with remarks on the reluctance and oppositions about thought patterns raised by engaged trainees and militant groups. As regards future events to be held in the line of the Social Forum the author registers four issues which were put forward and makes some pertinent comments. He describes as well two transcendent moments of the Forum which consisted in the visit to the slums of Kibera and Gorogochi, reminding the participants that the poor are the *locus theologicus* par excellence; the presence and speech of Desmond Tutu, the black archbishop of South Africa was the second main event. Among other things mention was made of specific activities of liberation which are inherent in human behavior and are marked by incoherence. Hence the need of humility in order to be open to divine grace liberating us as well.

## Espiritualidade para outro mundo possível

### II Fórum Mundial de Teologia e Libertação

Nairobi/Quênia, 16-19 de janeiro de 2007

*Agenor Brighenti*<sup>1</sup>

<sup>1</sup> O autor é Doutor em Ciências Teológicas e Religiosas pela Universidade de Lovaina, professor de Teologia sistemática no ITESC, de Teologia pastoral na Universidade Pontifícia do México e, de filosofia, na UNISUL. É também Presidente do Instituto Nacional de Pastoral, INP, da CNBB. Membro do Comitê Organizador do II Fórum Mundial de Teologia e Libertação, representando a Ameríndia.